



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – UAHG
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

RELATÓRIO FINAL DA PRÁTICA DE ENSINO

RAIMUNDO CANDIDO TEIXEIRA JÚNIOR

**CAMPINA GRANDE – PB
Março/2013**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – UAHG
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

RAIMUNDO CANDIDO TEIXEIRA JÚNIOR

Relatório apresentado à
disciplina de **Prática de Ensino
de História na Escola de I e II
Graus** do Curso de História da
Universidade Federal de
Campina Grande. Docente
responsável: **Eronides Câmara
de Araújo.**

Março/2013



Biblioteca Setorial do CDSA. Janeiro de 2024.

Sumé - PB

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	04
1. PLANEJAMENTO INTERDISCIPLINAR.....	05
2. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS.....	06
3. LEITURA E ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO.....	08
4. A AVALIAÇÃO ESCOLAR.....	11
5. ELABORAÇÃO DE PLANO E MINISTRAÇÃO DAS AULAS PRÁTICAS.....	12
5.1 Plano e Execução da Aula sobre “Violência Escolar e Bullyng”.....	13
5.2 Plano e Execução da Aula sobre “Alimentos Transgênicos”.....	14
5.3 Plano e Execução da Aula sobre “Lixo e Desigualdade Social”.....	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS.....	19
ANEXOS.....	21

INTRODUÇÃO

Este relatório tem por principal objetivo integrar uma das avaliações da disciplina “Prática de Ensino de História na Escola de I e II Graus”, ministrada pela professora Eronides Câmara de Araújo.

Inicialmente, a prática de ensino é obrigatória para os alunos pré-concluintes do curso de História da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Sua finalidade é proporcionar uma integração entre ensino superior e ensino médio, criando experiências docentes no aluno universitário, estimulando sua participação nas experiências metodológicas, tecnológicas e de caráter inovador, para superar os problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem.

O relatório final da prática cumpre o estágio supervisionado, dentro das atribuições verificadas no seu regulamento, correspondendo a um dos objetivos da disciplina. Conforme o programa do curso de História, a disciplina de “Prática de Ensino de História na escola de I e II Graus” apresenta uma carga horária de 120 (cento e vinte) horas-aula, sendo composta por três etapas.

A primeira etapa é realizada com a leitura e discussão dos textos selecionados, todos voltados para a prática de ensino em sala de aula. Em seguida, são apresentadas atividades referentes às leituras e discussões. E por fim, a última etapa engloba o planejamento e execução dos planos de aula. Ao executar os planos, o aluno passa a assumir o papel de professor e exercer a docência de forma supervisionada.

No presente relatório, constam comentários sobre a bibliografia básica trabalhada na disciplina de prática de ensino, informações sobre as atividades desenvolvidas e a preparação dos planos de aula. Também será demonstrado como os planos de aula foram executados e os recursos didáticos trabalhados na escola conveniada com a Universidade Federal de Campina Grande.

Dessa forma, o estágio foi realizado no Colégio Estadual Dr. Elpídio de Almeida, escola pública da rede estadual da cidade de Campina Grande, popularmente conhecido na cidade como “Estadual da Prata”, onde foram desenvolvidos e executados os planos de aula em turmas concluintes do Ensino Médio.

1. PLANEJAMENTO INTERDISCIPLINAR

Para que o aluno possua uma base teórica no que toca a disciplina de prática, foram realizadas diversas discussões em sala de aula e a entrega posterior de atividades. Sendo assim, a primeira discussão da disciplina foi o Planejamento Interdisciplinar. Tendo como bibliografia básica o texto “O saber histórico na sala de aula” de Circe Bittencourt e o texto “Significado e sentido do trabalho docente” de Itacy Salgado Basso.

Nas discussões realizadas, foram debatidos os seguintes temas: 1º A importância da formação continuada dos professores; 2º A importância da formação do professor para o exercício da prática pedagógica; e 3º A ruptura entre o significado e sentido que torna o trabalho do professor alienado.

Sob a perspectiva do pensador Vygotsky, passamos a ter uma compreensão histórico-social do trabalho docente. Com base nos textos teóricos, discutimos inicialmente a função do professor não apenas como o indivíduo que domina o saber teórico, mas principalmente, como aquele que detém a competência pedagógica para transmitir esse saber para seus alunos.

Nesse sentido, o professor tem por obrigação de exteriorizar o que sabe e ao mesmo tempo, atualizar a transmissão do saber de acordo com a realidade de seus alunos. Mais do que um componente curricular do passado, o ensino de História deve fazer com que o aluno consiga pensar os conteúdos e competências de forma crítica, daí a importância de se trabalhar a partir de uma “história-problema” e de realizar questionamentos, levando o aluno a participar do próprio processo de construção da história.

Para fazer uma História crítica, é importante que o professor também domine recursos didáticos, possibilitando transformar o saber científico em um processo de criação. Também é importante utilizar técnicas que vão além da mera repetição, passando a trabalhar com a pesquisa etnográfica, estudo de caso, investigação e resolução de problemas. De modo que, o processo de construção da História seja visualizado pelo aluno de maneira problematizada.

Para realizar uma História problematizada, se torna importante que o professor mantenha contato com as renovações teórico-metodológicas, trabalhando com as fontes históricas em sala, com a finalidade de estimular a observação dos alunos e de sua reflexão. Também é necessária a adaptação

de instrumentos tecnológicos que auxiliem no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Por outro lado, se faz importante ter uma visão crítica do trabalho docente, não apenas em observação aos meios técnicos disponibilizados pela escola, mas também atentando para a própria autonomia que deve ser disponibilizada para que o professor consiga escolher suas metodologias, selecionar os conteúdos, as competências e planejar suas aulas. O trabalho do professor deve ser realizado de modo racional, visto enquanto práxis-social.

Dessa forma, no dia 27 de novembro de 2012 foi entregue a professora da disciplina uma atividade referente ao planejamento interdisciplinar, como forma de assimilar as proposições teóricas e os debates realizados em sala de aula.

2. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

A segunda discussão realizada, diz respeito aos Parâmetros Curriculares Nacionais ou PCNs. Para discutir os PCNs tivemos por base o texto “Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia”, trabalhamos esse texto em conjunto com o texto “Ciência e Tecnologia: Implicações Sociais e o Papel da Educação”. Sendo assim, foi realizado inicialmente um debate sobre as modificações curriculares que aconteceram em nosso curso de História na Universidade Federal de Campina Grande e posteriormente foi inserida a discussão sobre as modificações que estão acontecendo nos currículos escolares da rede pública de ensino.

Aos analisar os PCNs, debatemos inicialmente as características e a importância social do conhecimento histórico. Compreendendo a necessidade da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade para o ensino de História. Percebemos que em virtude das modificações realizadas no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o professor de História se vê desafiado a trabalhar História em sala de aula realizando diálogos, não apenas com componentes da área das Ciências Humanas. Devendo, portanto, contemplar temas que possam ser inter-relacionados com componentes da área das Ciências Exatas e Biológicas.

Também verificamos que a interdisciplinaridade deve contemplar os Parâmetros Curriculares Nacionais a partir de abordagens que envolvam questões relacionadas à identidade, gênero e pluralidade cultural. Para atingir esse objetivo, a professora trabalhou em sala um exemplo metodológico de aula voltado para “Educação Indígena e Saúde”. Com base na história “A Cachorra Baleia e a Serpente Salamanta”, nos foi demonstrando que a partir de uma experiência contada em sala de aula, é possível trabalhar questões de identidade e pluralidade cultural de forma multidisciplinar.

Ao final da aula, nos foi passada uma atividade de planejamento de aula, para ser entregue em 04 de dezembro de 2012, e apresentada em sala de aula. A atividade foi realizada em dupla, na qual juntamente com o aluno José Rômulo Feitosa, foi apresentando e desenvolvido um modelo de plano de aula baseado no ensino de Direitos Humanos em sala de aula. Escolhemos o tema “Direitos Humanos” por ser um tema transversal, que passou integrar os PCNs em 1996.

Realizamos a aula de maneira interdisciplinar, gerando questionamentos para obter uma visão crítica dos Direitos Humanos e ao mesmo tempo, contextualizar com a realidade dos alunos. Abordando questionamentos que iam desde a liberdade individual, passando pelos direitos coletivos garantidos pelo Estado Nacional, finalizando com um debate sobre os direitos transindividuais, sem fugir da abordagem histórica.

Algumas críticas foram apresentadas por parte da professora da disciplina e as novas orientações para elaboração de outros planos foram bem recebidas. Dentre as críticas, estava a de adequar o plano apresentando às novas perspectivas de ensino. De modo que, segundo a professora, tínhamos elaborado um plano e uma aula que ainda estava bastante vinculado aos modelos tradicionais. E com base nas necessidades dos alunos do século XXI da rede pública de ensino, deveríamos enquanto futuros professores, elaborar planos de caráter mais inovador. Todas as críticas foram bem recebidas e se refletiram na elaboração dos planos e nas aulas posteriores.

3. LEITURA E ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

No que toca à questão do livro didático, com base no texto “Práticas Interdisciplinares na Escola” de Ivani C. A. Fazenda, debatemos em sala de aula sobre a importância da interdisciplinaridade no ensino de História. Passamos a analisar não apenas os parâmetros curriculares definidos pelo Ministério da Educação (MEC), como também verificamos o perfil de provas que são aplicadas pelo ENEM.

Nesse sentido, foi debatida a importância e a necessidade do professor trabalhar em sala de aula os conteúdos, associados com outras áreas do conhecimento. Essas novas exigências fazem com que o ensino se renove, exigindo que o professor repense suas formas de trabalhar os conteúdos e habilidades com alunos de Ensino Médio.

Após as discussões em sala, a professora propôs como avaliação para esta temática, a entrega de um fichamento sobre o livro didático no dia 11 de dezembro de 2012, e no dia 14 de dezembro de 2012 também entregamos uma análise historiográfica do livro didático.

Nesse sentido, para realizar a atividade, decidi trabalhar a temática “Oriente Médio”, presente no livro “Nova História Crítica”, no capítulo “Os Problemas do Oriente Médio” de Mário Furley Schimidt, situado nas páginas 192 e 193. Sendo assim, partimos do princípio de que o livro didático de História deve levar o aluno a pensar diferentes processos e sujeitos históricos, bem como as relações estabelecidas entre os grupos humanos nos diferentes tempos e espaços.

Com base nos debates em sala e nas leituras dos textos teóricos, percebemos inicialmente que para se analisar um livro didático é importante que o professor esteja atento às representações que o autor utilizou para caracterizar determinada sociedade. Faz-se importante verificar a formação acadêmica do autor, já que é possível a partir desses dados obter uma noção de como as temáticas históricas serão conduzidas.

Portanto, é preciso buscar o “lugar de fala” desses livros, pois os livros didáticos não podem ser estudados unicamente a partir de seus elementos internos, sendo necessária a busca de uma estrutura significativa bem mais ampla.

Conforme foi discutido em sala, o livro didático de História deve contribuir para o desenvolvimento e a formação da cidadania do aluno, na medida em que o ajuda a compreender a História como um processo de diferentes relações entre diferentes sujeitos, sem perder de vista a sua contemporaneidade.

Assim, o livro didático deve apresentar na introdução a postura historiográfica do autor, deixando clara a linha de pensamento que será seguida, seja das mais tradicionais como o Materialismo Histórico ou o Marxismo, ou se está aderindo aos novos paradigmas historiográficos como a Nova História Cultural ou História Social, dentre outros.

Torna-se fundamental que o livro didático seja pensado como um complemento na construção de conhecimento, tendo sempre em vista que o aluno é um ser humano e já viveu experiências, portanto, tem um grau de conhecimento. Dessa forma, o livro didático deve funcionar como um agente que vai interagir na construção intelectual desse aluno enquanto indivíduo e cidadão. Portanto, o livro didático não deve se apresentar como detentor da verdade, muito menos deter o aluno às datas ou fatos em detrimento de outros aspectos, como a interação dos aspectos culturais entre os indivíduos de cada sociedade.

Passando para a parte prática do trabalho, foi verificado se o texto trabalhado pelo autor condiz com a proposta metodológica que ele apresenta. Sendo assim, Mário Schmidt sugere que os alunos tenham uma visão crítica dos conteúdos, para isso ele traz ao final de cada capítulo um texto complementar, que tem a intenção de polemizar o tema, baseado no que foi explicitado pelo conteúdo, provocando dessa forma, o questionamento.

Segundo o autor, ele mesmo como historiador deseja que o aluno deva a partir das dúvidas, dos questionamentos e reflexões, construir o seu conhecimento. Além disso, ao final do capítulo selecionado, são trazidos exercícios de revisão que não se preocupam em pedir datas ou nomes sendo, portanto, construídos com o objetivo de se obter a compreensão de um processo histórico. A partir do que foi exposto, o autor pretende se “enquadrar” no paradigma historiográfico da História Cultural.

Sobre o autor, a informação que pode ser encontrada no livro é que se trata de um historiador, por outro lado foi sentida a total ausência de suas

qualificações, como pelo menos a(s) instituição(s) acadêmica(s) onde o mesmo formou-se. A ausência de sua formação acadêmica traz insegurança para o professor que pretende utilizar o livro didático, dificultando até mesmo o questionamento se sua base acadêmica é ou não compatível com a postura que o autor apresenta na introdução do livro.

O título do livro indica algo questionador e diferente: “Nova História Crítica”, o que aguça a curiosidade de quem vai consultá-lo. Com relação ao nosso objeto de estudo: Oriente Médio, a proposta do autor fica contraditória, pois o conteúdo de Oriente Médio proposto por Schmidt encontra-se exposto em apenas duas páginas.

No capítulo “Os Problemas do Oriente Médio”, não há problematização, o autor apenas narra alguns aspectos de períodos nos quais ocorreram conflitos entre Judeus e Árabes. O autor simplesmente analisa a história desse povo como se fosse apenas uma disputa política e econômica, o que não deixa de ser, mas não se restringe unicamente a isso.

Acreditamos que Schmidt poderia ter falado sobre a riqueza cultural do Oriente Médio e sobre seu legado, poderia ter abordado a forma como essa produção cultural chegou até nós. Dessa forma, o aluno não estaria chamando de “louco”, aquele que designado de “homem-bomba”, explode seu próprio corpo em prol de uma causa.

Os eixos temáticos privilegiados pelo autor são a política e economia, deixando acreditar que os conflitos na região são motivados apenas por motivos econômicos e mediante interesses políticos. O autor faz questão de enfatizar a influência dos Estados Unidos na região na época em que ocorreu a Guerra Fria, também fala sobre a ex-URSS na disputa, mas esquece-se de fazer um apanhado geral das religiões ali presentes.

Em relação as atividades, no final da temática o autor apresenta um texto complementar, em seguida traz questionamentos que a priori não constituem “decoreba”, mas apresenta conceitos como “oprimidos e opressores”, “dominados e dominadores”, “terceiro mundo” etc.

O trabalho sobre análise do livro didático foi importante para perceber que o livro didático tem seu papel como instrumento não apenas de estudo, mas também em como instrumento educador, formador de opinião, que prepara o estudante não só para a vida acadêmica, como também para a vida

cotidiana. Daí haver uma análise criteriosa por parte do professor antes de escolher o livro “A” ou “B” para se trabalhar em sala de aula.

4. A AVALIAÇÃO ESCOLAR

Para trabalhar o tema “Avaliação Escolar” utilizamos o texto “Novas Metodologias em Educação” de Adalberto Dias Carvalho. Sendo assim, foram realizados em sala de aula, debates sobre a avaliação escolar, de modo que, percebemos a avaliação como um elemento essencial para o processo de ensino-aprendizagem. Visto que é através da avaliação que o professor poderá verificar até que ponto alcançou os objetivos pretendidos.

Percebemos também que o resultado da avaliação poderá fornecer subsídios ao professor para futuramente modificar seus objetivos ou procedimentos de ensino, visando se tornar mais eficaz na transmissão do conhecimento.

Debatemos sobre os tipos de avaliação que podem ser utilizadas pelo professor, dentre elas a aplicação de provas, trabalhos escritos ou interrogatórios orais. Contudo, mais do que observar a avaliação escolar como forma de realizar uma distinção entre os alunos, ou seja, como forma de testar, medir e avaliar, percebemos a avaliação enquanto um processo que permite ao professor identificar se os objetivos de aprendizagem foram alcançados ou não.

Nesse sentido, a avaliação escolar funciona como importante elemento para orientar o planejamento de novas etapas do processo de ensino, ou até mesmo, o replanejamento do processo. No tocante aos princípios básicos da avaliação, percebemos que a avaliação deverá ser contínua, gradual, constante, cumulativa, coerente e cooperativa. Neste sentido, os princípios da avaliação deverão determinar e tornar claro o que vai ser avaliado, selecionar técnicas adequadas de avaliação, utilizar técnicas variadas para uma avaliação mais fidedigna

Também é possível enumerar as modalidades de avaliação em que cada uma delas corresponde às funções específicas. Podemos classificá-las em diagnóstica, formativa e somativa. Contudo, o mais importante é ter

consciência de que a avaliação não é um fim em si mesma, mas um meio para alcançar determinados objetivos.

Antes de planejar o ensino, o professor poderá utilizar a “avaliação diagnóstica” que lhe permitirá detectar o nível em que se encontram os alunos no início do processo, bem como as dificuldades que se apresentam, correspondendo à função diagnóstico.

A “avaliação formativa” ocorre durante todo o processo de ensino e tem a função de informar ao professor se os alunos estão caminhando em direção aos objetivos a serem atingidos, correspondendo a função controle.

Já a “avaliação somativa” é aquela que resultará na nota ou conceito que o aluno irá obter conforme o seu aproveitamento e desempenho nas atividades. É importante lembrar que todas as modalidades de avaliação estão intimamente relacionadas sendo, portanto, indissociáveis.

Ao findar os debates sobre a Avaliação Escolar, foi entregue um exercício em 20 de dezembro de 2012. No qual concluímos que a Avaliação Escolar não deve ser utilizada como um instrumento de controle para garantir a disciplina e obediência do professor com relação às tarefas que lhes são delegadas. Visto que essa atitude traz um clima de insegurança e desconfiança, pois o foco da avaliação é observar e melhorar o processo de ensino-aprendizagem, daí evitar apenas um só tipo de avaliação, ou evitar realizar avaliações no modelo da “Educação Bancária”.

Quando o professor é responsável por elaborar a avaliação, não deve direcioná-la no sentido de medir apenas a aquisição de conteúdos, deve também considerar o domínio psicomotor e afetivo dos alunos.

5. ELABORAÇÃO DE PLANO E MINISTRAÇÃO DAS AULAS PRÁTICAS

Para finalizar a disciplina “Prática de Ensino de História na escola de I e II Graus” a professora solicitou a elaboração e apresentação de três planos de aula, para serem executados na escola onde foi realizado o estágio. Desse modo, os planos deveriam observar as discussões teóricas que realizamos na universidade, principalmente no tocante a interdisciplinaridade e a experiência individual como meios articuladores do ensino de História.

Sendo assim, foram entregues três planos de aula no dia 29 de janeiro de 2013, com temáticas distintas para serem ministrados na escola pública, onde foi realizado o estágio

5.1. Plano e Execução da Aula sobre “Violência Escolar e Bullying”

O primeiro plano elaborado se baseou conforme os parâmetros do ENEM na Competência de área 1 - Compreender os elementos culturais que constituem as identidades. E a temática trabalhada foi “Violência Escolar e o Bullying”. Esse tema foi contemplado por ser um tema atual e que permeia a realidade brasileira, permitindo não apenas compreender os elementos sociais que constituem nossa identidade, como trazer para sala de aula a discussão sobre a violência e a própria necessidade de rever atitudes por parte de alunos, professores e funcionários dentro da escola.

Trabalhamos esse tema através de três grandes objetivos: 1º Construir juntamente com os alunos uma definição de violência; 2º Identificar os tipos de violência mais comuns em sala de aula e no cyber espaço; 3º Questionar a violência escolar e o bullying sob a ótica do direito. E para trabalhar a questão da violência, partimos do texto “O Primeiro dia de Aula” do autor Marcelo Coelho. Dessa forma, foi realizada uma exposição temática baseada na experiência e a partir dela, foi inserida a interdisciplinaridade.

A aula que foi ministrada no dia 05 de fevereiro de 2013 foi realizada através de uma apresentação de 50 minutos (cinquenta minutos), de forma expositiva e dialogada. Iniciamos com a leitura da crônica “O Primeiro Dia de Aula”, na qual foi observada a experiência do autor e posteriormente, abrimos espaço para que os alunos pudessem se manifestar sobre suas próprias experiências nos primeiros dias de aula na escola.

Em seguida, iniciou o debate sobre a violência escolar, partindo de uma definição de “violência” construída juntamente com os alunos. Posteriormente, com a apresentação de slides em datashow, foram apresentadas as diversas formas de violência que podem existir dentro da escola. Violências que vão desde a interferência de grupos externos, passando pela depredação física da escola e das violências entre alunos, professores e funcionários dentro do ambiente escolar.

Por fim, foi realizado um debate sobre o bullying e os tipos de violência que são cometidos no cyber espaço ou, “cyberbullyng”. Para reforçar a explicação, foi apresentado para os alunos um quadro contendo crimes da Legislação Penal, que são comumente praticados em sala de aula e que muitas vezes, passam despercebidos.

Como forma avaliativa, solicitamos dos alunos uma produção textual na qual eles deveriam contar como foi seu primeiro dia de aula ou contar uma experiência marcante que tenha vivido na escola.

5.2. Plano e Execução da Aula sobre “Alimentos Transgênicos”

O segundo plano de aula se baseou conforme os parâmetros do ENEM na Competência de área 4 - Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social. E a temática trabalhada foi “Alimentos Transgênicos”. Esse tema foi contemplado por trabalhar um dos temas transversais que é “Saúde”. Além disso, a discussão sobre alimentação é pertinente a diversas áreas do saber e faz parte do cotidiano dos alunos.

Trabalhamos esse tema através de quatro objetivos: 1º Compreender o que são os Alimentos Transgênicos; 2º Discutir o surgimento dos Alimentos Transgênicos através de uma contextualização histórica; 3º Questionar como os males e os benefícios dos Alimentos Transgênicos para nossa sociedade; e 4º Verificar informações na legislação sobre produção e consumo dos alimentos transgênicos. Dessa forma, foi realizada uma exposição temática baseada na utilização de uma reportagem e a partir dela, foram discutidas outras questões que pudessem ser inseridas na interdisciplinaridade.

A aula que foi ministrada no dia 19 de fevereiro de 2013, foi realizada através de uma apresentação de 50 minutos (cinquenta minutos), de forma expositiva e dialogada. Iniciamos com a leitura da reportagem da Revista Veja intitulada “Eles Estão entre Nós”, como forma de inserir o tema e questionar aos alunos se eles já ouviram falar ou se eles sabem o que são os alimentos transgênicos. Essa também foi uma estratégia para que os alunos pudessem compartilhar seus conhecimentos prévios e suas experiências sobre alimentos geneticamente modificados.

Em seguida, foi demonstrado o surgimento histórico dos alimentos transgênicos, relacionando seu aparecimento com a Teoria Malthusiana, ou seja, com a idéia de que a produção de alimentos cresce numa Progressão Aritmética, enquanto o aumento populacional se dá numa Progressão Geométrica.

Em seguida, utilizamos um vídeo sobre “Hibridação”, demonstrando como são obtidas espécies híbridas na natureza. A partir do vídeo, conseguimos fazer a distinção entre alimentos híbridos e transgênicos.

Por fim, utilizamos slides para discutir os males e os benefícios dos alimentos transgênicos. Utilizamos como suporte a legislação brasileira, demonstrando o que diz a legislação sobre esses alimentos, principalmente, sob perspectiva do Direito do Consumidor.

Como forma avaliativa, foi solicitada uma pesquisa na qual os alunos deveriam ir até o supermercado e procurar alimentos cujos rótulos estejam identificados como alimentos transgênicos. Depois que identificassem esses alimentos, os alunos deveriam trazê-los para sala de aula ou produzir um painel com imagens, argumentando se os Alimentos Transgênicos devem ser consumidos ou não.

5.3. Plano e Execução da Aula sobre “Lixo e Desigualdade Social”

O último plano elaborado, se baseou conforme os parâmetros do ENEM na Competência de área 6 - Compreender a sociedade e a natureza, reconhecendo suas interações no espaço em diferentes contextos históricos e geográficos. E a temática trabalhada foi “Lixo e a Desigualdade Social”. Esse tema foi contemplado por também ser um dos temas transversais que devem ser trabalhados em sala de aula, ou seja, “Meio Ambiente”. De modo que, a questão ambiental não deve ser apenas trabalhada sob a perspectiva de preservação ambiental, mas também sobre uma perspectiva da poluição no espaço urbano.

Trabalhamos o tema “Lixo e a Desigualdade Social” através de três objetivos: 1º Discutir historicamente o aumento da produção dos bens de consumo; 2º Questionar a desigualdade social e o acesso aos bens de consumo; e 3º Analisar a decomposição natural do lixo e as formas de

reciclagem. Sendo assim, utilizamos um poema para que a partir dele, os alunos pudessem apresentar relações entre o lixo e a desigualdade social através de suas experiências individuais.

A aula que foi ministrada no dia 26 de fevereiro de 2013, foi realizada através de uma apresentação de 50 minutos (cinquenta minutos), de forma expositiva e dialogada. Iniciamos a aula com a leitura da poesia “O Bicho” de Manuel Bandeira, questionando aos alunos sobre a compreensão da poesia.

Em seguida, foi apresentada para os alunos uma explanação histórica de como se aumentou a produção dos bens de consumo, focando principalmente no aumento da produção proporcionado pela Revolução Industrial. Após a explanação, apresentamos o documentário “Ilha das Flores” para inserir o paradoxo entre a produção de alimentos, o lixo e a desigualdade social.

Por fim, foram apresentados para os alunos slides em datashow mostrando as forma de decomposição do lixo e o tempo que cata tipo de material leva para se decompor na natureza. Depois disso, foram demonstradas algumas formas e possibilidades de reciclagem do lixo.

Como avaliação para esta aula, foi proposto aos alunos que utilizassem técnicas de reciclagem para produzir e trazer para sala de aula um utensílio, demonstrando como foi produzido. Essa forma avaliativa permite de maneira prática o reaproveitamento de produtos que a primeira vista, não poderiam ser reutilizados pelos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo este relatório, adentrando no mérito da disciplina “Prática de Ensino de História na Escola de I e II Graus” enquanto uma das disciplinas mais relevantes para o curso de licenciatura em História. Tendo em vista que muitas vezes, na condição de acadêmicos, nos deixamos levar apenas pelas discussões teóricas que são traçadas na academia e nos esquecemos da questão prática, do ensino de História propriamente dito.

Com o auxílio da professora Eronides Câmara de Araújo, conseguimos abrir nossos horizontes, estudando e debatendo temáticas que até então, eram novidades. Aprendemos sobre a importância de se trabalhar em sala de aula uma História crítica, com questionamentos e associada a realidade do aluno. Também verificamos a importância dos Parâmetros Curriculares Nacionais e da interdisciplinaridade quando estivermos trabalhando um conteúdo de História.

Além disso, percebemos a importância de estar sempre atualizando nossos conhecimentos e nossas metodologias de ensino, adequando-os as necessidades dos discentes. O próprio Exame Nacional do Ensino Médio e a forma como as questões são abordadas por esse exame, nos obriga enquanto profissionais a trabalhar de forma contextualizada com outros componentes curriculares.

Fez toda diferença os debates realizados sobre a Avaliação Escolar. De modo que, passamos a ver a avaliação não apenas como resultado do rendimento escolar dos alunos, mas como possibilidade verificar os problemas de aprendizagem e de repensar nossa própria metodologia de ensino.

A experiência de elaboração e execução de planos de aula foi uma experiência única. Visto que, nos foi possibilitado rever alguns conceitos e a própria forma de elaboração das aulas. Conforme as observações e as orientações da professora da disciplina, conseguimos localizar e corrigir diversas falhas cometidas na elaboração e execução dos planos. De modo que, se torna importante preparar aulas que fujam de métodos tradicionais e se adequem a métodos mais inovadores, na busca de um melhor rendimento escolar.

E, finalmente, gostaria de salientar que o estágio supervisionado por apresentar uma relevância imprescindível no currículo da Licenciatura, deveria no curso de História da UFCG ser trabalhado não apenas no último período do curso, mas iniciado já a partir dos primeiros períodos acadêmicos, para que o aluno consiga progressivamente ganhar mais familiaridade em sala de aula e com isso, atingir um nível de maturidade maior.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. **O Bicho**. <<http://pensador.uol.com.br/frase/MzcyNjl5/>> - Acesso em 20 de janeiro de 2013.

BASSO, Itacy Salgado. **Significado e sentido do trabalho docente**. Campinas: Caderno Cedes, Vol. 19. Nº 44. 1998.

BITTENCOUT, Circe (org). **O saber histórico na sala de aula**. 2º Edição. São Paulo: Contexto, 1998.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE ENSINO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. 2º Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CAPEZ, Fernando. **Curso de Direito Penal**. V. 2, Parte Especial. 10º Edição. São Paulo: Saraiva, 2010.

CARVALHO, Adalberto Dias (org). **Novas metodologias em educação**. Lisboa: Porto Editora, 1995.

COELHO, Marcelo. **O Primeiro dia de Aula**. <<http://keylapinheiro.blogspot.com.br/2012/06/o-primeiro-dia-de-aula-de-marcelo.html>> Acesso em 10 de janeiro de 2013.

Declaração Universal dos Direitos Humanos. In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Declara%C3%A7%C3%A3o_Universal_dos_Direitos_Humanos> Acesso em 01 de outubro de 2012.

Direitos Humanos. In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Direitos_humanos> Acesso em 01 de outubro de 2012.

DORNELLES, João Ricardo W. **O que são Direitos Humanos**. 2º Edição. São Paulo: Brasiliense, 1989. P 1-37.

FARIA FILHO, Luciano Meneses de; et all. **A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira**. São Paulo: Educação e Pesquisa, v. 30, nº 1, 2004. P. 139-159.

FAZENDA, Ivani C. A. (coord.). **Práticas interdisciplinares na escola**. 4º Edição. São Paulo: Cortez, 1997.

FREITAS, Fábio F. B. de. **60 Anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos: a incessante luta por uma utopia de bondade**. <<http://www.paraibaonline.com.br>> Acesso em 01 de outubro de 2012.

Hibridação. *In: Youtube.* <<http://www.youtube.com/watch?v=sbk3u4xylQ0>> - Acesso em 01 de março de 2013.

Ilha das Flores. *In: Youtube* <<http://www.youtube.com/watch?v=KAZhAXjUG28>> - Acesso em 20 de janeiro de 2013.

LUCINDA, Maria da Consolição & outros. **Escola e Violência.** Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2001.

PERES, José André; ANGIOTTI, MiltonAntonio Auth. **Ciência e tecnologia: implicações sociais e o papel da educação.** Revista Ciência & Educação, V. 7. Nº 1. P. 15-27, 2001.

Reciclagem. *In: Wikipédia: a enciclopédia livre.* <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Reciclagem>> - Acesso em 20 de janeiro de 2013.

Revista **Veja. Eles Estão entre Nós.** <http://veja.abril.com.br/300699/p_066.html> - Acesso em 15 de janeiro de 2013.

RIBEIRO, Daniela de Figueiredo; ANDRADE, Antonio dos Santos. **A assimetria na relação entre família e escola pública.** Ribeirão Preto: Paidéia, 2006. Vol. 16, nº 35. P. 385-394.

Transgênese. *In: Wikipédia: a enciclopédia livre.* <http://pt.wikipedia.org/wiki/Alimentos_transg%C3%AAnicos> - Acesso em 10 de fevereiro de 2013

VASCONCELLOS, Amélia Thereza de Moura. **Violência e Educação.** *IN: Adolescência e Violência: Conseqüências da Realidade Brasileira.* Porto Alegre: Ates Médicas, 1997.

Livro didático:

SCHIMIDT, Mário Furley. **Os Problemas do Oriente Médio.** *In: Nova História Crítica.* 2º Edição. São Paulo: Nova Geração, 2005. P. 192 e 193.

ANEXOS

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Centro de Humanidades – CH

Unidade Acadêmica de História e Geografia – UAHG

Componente Curricular: Prática de Ensino

Professora: Eronides Câmara de Araújo

Período: 2012.2 – Turno: Diurno

Alunos: Raimundo Candido Teixeira Junior

Atividade de Elaboração de Plano de Aula conforme os Parâmetros do ENEM.

Competência Escolhida:

Competência de área 5 - Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Colégio Estadual Dr. Elpídio de Almeida
Campina Grande, PB
Série: 3º Série - Ensino Médio
Turma: “A”
Turno: Manhã
Número de Alunos: 35
Componente Curricular: História
Professores: Raimundo Candido Teixeira Júnior

PLANO DE AULA

1. Tema:

Direitos Humanos

2. Objetivo Geral:

Problematizar a importância dos Direitos Humanos para nossa sociedade enquanto instrumento capaz de promover a conscientização da cidadania e democracia.

3. Objetivos Específicos:

- 3.1 Problematizar uma definição dos Direitos Humanos;
- 3.2 Discutir o surgimento dos Direitos Humanos através de uma contextualização histórica;
- 3.3 Identificar como os Direitos Humanos estão presentes em nossa sociedade e suas contribuições para o processo democrático;
- 3.4 Questionar as formas de violação dos Direitos Humanos que ocorrem cotidianamente.

4. Conteúdo Programático:

1. Contexto Histórico do Surgimento dos Direitos Humanos

- 1.1 As definições dos Direitos Humanos
- 1.2 Os Direitos Humanos nas civilizações antigas e na Idade Média
- 1.3 Os Direitos Humanos no contexto da Segunda Guerra Mundial

2. As Dimensões dos Direitos Humanos

- 2.1 A Primeira Dimensão dos Direitos Humanos
- 2.2 A Segunda Dimensão dos Direitos Humanos
- 2.3 A Terceira Dimensão dos Direitos Humanos
- 2.4 A Quarta Dimensão dos Direitos Humanos

3. Os Direitos Humanos na Atualidade

- 3.1 A Importância da ONU (Organização das Nações Unidas)
- 3.2 O surgimento da “Declaração Universal dos Direitos Humanos”
- 3.3 Os Direitos Humanos e sua aplicação prática

5. Estratégias Metodológicas:

A aula sobre Direitos Humanos constará de duas apresentações com 50 minutos (cinquenta minutos) cada uma, sendo realizada de forma expositiva e dialogada. O professor deverá levar em consideração a participação dos alunos através dos comentários e análise dos questionamentos expostos.

1. Inicialmente o professor deverá propor uma pesquisa buscando obter uma definição de “Direitos Humanos” construída pelos alunos. Para isso deverão ser utilizados dicionários, jornais, revistas, internet e até mesmo o senso comum. Essa pesquisa inicial visa uma familiarização do tema e aquisição de conhecimentos prévios por parte do aluno.

2. Em seguida o professor deverá entregar para os alunos o texto “O Que São Direitos Humanos?” do autor João Ricardo W. Dornelles, do qual serão utilizadas das páginas 1-37. A leitura desse texto tem por finalidade apresentar aos alunos as dimensões dos Direitos Humanos.

3. Em seguida o professor deverá utilizar o data-show ou retroprojeter com a apresentação do tema, constando imagens e questionamentos para problematizar o entendimento e a aplicação dos Direitos Humanos na atualidade.

4. Por fim o professor deverá propor para os alunos uma pesquisa sobre a “Declaração Universal dos Direitos Humanos” focando seu surgimento e seus artigos, juntamente com a leitura do texto “60 Anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos: a incessante luta por uma utopia de bondade” cuja autoria pertence ao professor Fábio Freitas e está disponível na internet. A pesquisa juntamente com utilização do texto proposto busca instigar o pensamento crítico sobre os Direitos Humanos na atualidade, facilitando inclusive na realização da avaliação.

6. Avaliação:

Sabendo que é no ensino médio que o aluno forma sua consciência crítica, na medida em que aprende sobre a sua realidade e outras realidades, a avaliação constará de uma produção de imagens com o tema: “A violação dos direitos humanos em nossa cidade”. As imagens devem ser problematizadas e discutidas pelos alunos, apontando onde se verifica a violação aos Direitos Humanos em cada situação específica.

7. Referências Bibliográficas:

Declaração Universal dos Direitos Humanos. *In: Wikipédia: a enciclopédia livre.* <http://pt.wikipedia.org/wiki/Declara%C3%A7%C3%A3o_Universal_dos_Direitos_Humanos> Acesso em 01 de outubro de 2012.

Direitos Humanos. *In: Wikipédia: a enciclopédia livre.* <http://pt.wikipedia.org/wiki/Direitos_humanos> Acesso em 01 de outubro de 2012.

DORNELLES, João Ricardo W. **O que são Direitos Humanos.** 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. P 1-37.

FREITAS, Fábio F. B. de. **60 Anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos: a incessante luta por uma utopia de bondade.** <<http://www.paraibaonline.com.br>> Acesso em 01 de outubro de 2012.

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Centro de Humanidades – CH

Unidade Acadêmica de História e Geografia – UAHG

Componente Curricular: Prática de Ensino

Professora: Eronides Câmara de Araújo

Período: 2012.2 – Turno: Diurno

Alunos: Raimundo Candido Teixeira Junior

Atividade de Elaboração de Plano de Aula conforme os Parâmetros do ENEM.

Competência Escolhida:

Competência de área 1 - Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Tema: Violência Escolar e o Bullying

Colégio Estadual Dr. Elpídio de Almeida

Campina Grande, PB

Série: 3º Série - Ensino Médio

Turma: "A"

Turno: Manhã

Número de Alunos: 35

Componente Curricular: História

Professores: Raimundo Candido Teixeira Júnior

PLANO DE AULA

1. Tema:

Violência Escolar e o Bullying.

2. Objetivo Geral:

Problematizar as formas de violência escolar a partir das experiências individuais do professor e dos alunos.

3. Objetivos Específicos:

- 3.1 Construir juntamente com os alunos uma definição de violência;
- 3.2 Identificar os tipos de violência mais comuns em sala de aula e no cyber espaço;
- 3.3 Questionar a violência escolar e o bullying sob a ótica do direito.

4. Habilidades Trabalhadas:

- 1. Português: Utilização de uma crônica como gênero textual;**
- 2. Inglês: Uso de palavras da língua estrangeira "bullying"**
- 3. História: Contexto escolar a partir da experiência individual;**

4. Sociologia: Problemática da violência no cotidiano;

5. Geografia: Locais onde ocorre a violência escolar;

6. Química: Efeitos psicológicos da violência escolar;

7. Direito: Conhecer parte da Legislação Penal ;

5. Estratégias Metodológicas:

A aula constará de uma apresentação com 50 minutos (cinquenta minutos), sendo realizada de forma expositiva e dialogada.

1º - A aula iniciará com a leitura da crônica “O Primeiro Dia de Aula”, na qual será observada a experiência do autor. Em seguida o professor contará a própria experiência referente à temática escolhida, ou seja, o seu primeiro dia de aula ou casos de violência que tenha presenciado em sala de aula.

2º - Em seguida será aberto espaço para que os alunos possam debater e também contribuir contando suas experiências em sala. No decorrer da aula, serão apresentados slides mostrando os tipos mais comuns de violência encontrados em sala de aula.

3º - Por fim, será realizado um debate sobre como a legislação pune os tipos de violência que são cometidos no cyber espaço.

6. Avaliação:

A avaliação constará de uma produção textual na qual o aluno deverá contar como foi seu primeiro dia de aula, ou então, contar uma experiência marcante que tenha vivido na escola.

7. Referências:

CAPEZ, Fernando. **Curso de Direito Penal**. V. 2, Parte Especial. 10. Ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

COELHO, Marcelo. **O Primeiro dia de Aula**. <<http://keylapinheiro.blogspot.com.br/2012/06/o-primeiro-dia-de-aula-de-marcelo.html>> Acesso em 10 de janeiro de 2013.

LUCINDA, Maria da Consolidação & outros. **Escola e Violência**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

VASCONCELLOS, Amélia Thereza de Moura. **Violência e Educação**. IN: Adolescência e Violência: Conseqüências da Realidade Brasileira. Porto Alegre: Ates Médicas, 1997.

ANEXO

O PRIMEIRO DIA DE AULA

Meu primeiro dia na escola foi bem ruim. Hoje em dia as crianças não sabem direito como é o primeiro dia em que a gente entra na escola. Elas começam muito pequenas, com três anos estão no maternal. Comigo foi diferente. Eu já era meio grande. Tinha seis anos.

Imagine. Seis anos. Quer dizer que, desde que eu nasci, até ter seis anos, eu ficava em casa. Sem fazer nada. Brincava um pouco. Mas meus irmãos eram muitos mais velhos, e criei o costume de brincar sozinho. Era meio chato.

Até que chegou o dia de entrar na escola. Minha mãe foi logo avisando.

– Olha, Marcelo. Lá na escola, não pode ficar falando palavra feia. Bunda, cocô, xixi. Não usa essas palavras.

Tocaram a buzina. Era o ônibus da escola.

Eu estava de uniforme. Calça curta azul, camisa branca.

Eu tinha uma camisa branca que me dava sorte. Era uma com uma pintinha no colarinho. Gostava daquela pintinha preta. Mas no primeiro dia de aula justo essa camisa tinha ido lavar. Fui com outra. Que não dava sorte.

Bom, daí a aula começou, teve recreio, eu não conhecia ninguém, tirei um sanduíche da lancheira, o lanche sempre ficava com um gosto de plástico por causa da lancheira, mas eu não sabia disso ainda, porque era a primeira vez que eu usava lancheira, então tocou o sinal e fui de novo para a classe.

Até que deu certo no começo. A professora explicou alguma coisa sobre elefantes. Falou que eles tinham dentes grandes, e que esses dentes eram muito valiosos.

Então ela perguntou:

– Alguém sabe qual o nome dos dentes do elefante?

Vai ver que ela queria perguntar: “Qual o material precioso que é tirado das presas do elefante?”.

O fato é que eu sabia a resposta, e gritei:

– O marfim!

A professora me olhou muito contente. Os meus colegas também me olharam, mas não pareciam tão contentes.

Ela brincou:

– Puxa, você está afiado, hein?

Eu não respondi, mas fiquei inchado de alegria, como se fosse um elefantezinho. Dentes afiados.

Tinha sido um bom começo.

Mas aí vieram os problemas.

Fui ficando com a maior vontade de fazer xixi.

Segurei.

A professora continuava a falar sobre os elefantes.

Assunto mais louco para um primeiro dia de aula.
E a vontade de fazer xixi ia aumentando.

Cruzar as pernas não adianta nessa hora.

Olhei para um coleguinha no banco da frente. Tive inveja dele. Ele estava ali, tranquilo. Sem nenhum aperto. Como é que seria estar no lugar dele? Pedir para ser ele, pedir emprestado o corpo dele por algum tempo? Como alguém pode ficar sem vontade de fazer xixi? Sem nem pensar no problema?

Eu estava ficando meio desesperado. Eu era meio tímido também. Levantei a mão. A professora perguntou o que eu queria.

– Posso ir no banheiro?

– Espere um pouco, tá?

Ela devia estar achando muito importante aquela história toda sobre elefantes. Começou a explicar como os elefantes bebiam água. Eles enchiam a tromba, seguravam bem, e daí chuáá...

Levantei a mão de novo.

– Preciso ir no banheiro, professora...

Ela nem respondeu. Fez só um gesto com a mão. Para eu esperar mais.

Na certa, ela estava pensando que, no primeiro dia de aula, é importante não facilitar. Não dar moleza. Devia imaginar que todo mundo inventa que quer ir ao banheiro só para passear um pouco e não ficar ali assistindo aula.

Professora mais idiota.

Levantei a mão pela terceira vez.

Eu realmente não agüentava mais.

Só que a professora nem precisou responder.
Tinha tocado o sinal. Fim da aula.

Era só correr até o banheiro.

Levantei da carteira. A gente era obrigado a sair em fila.

Faltava pouco.

Claro que não deu.

Fiz xixi. Dentro da classe.

Logo eu, que nunca fui de fazer grandes xixis. Mas aquele foi fenomenal. Parecia um elefante. Coisa de fazer barulho no chão. Chuáá...

A professora chegou perto de mim.

– Você estava apertado? Por que não me avisou?

Eu não soube o que responder. Mas entendi algumas coisas.

A coisa mais óbvia é que, quando você tem vontade de fazer xixi, vai e faz. Dane-se a professora. Coisa mais idiota é ficar pedindo para alguém deixar a gente ir ao banheiro. Banheiro é assunto meu.

Outra coisa é que as pessoas, em geral, não ligam para o que a gente está sentindo. Para mim, a vontade de fazer xixi era a coisa mais importante do mundo. Para a professora, a coisa mais importante do mundo era ficar falando de elefantes.

É como se cada pessoa tivesse um filme dentro da cabeça. E só prestasse atenção nesse filme. Filme dos elefantes, filme do xixi.

Mais uma coisa. Quando a gente precisa muito, a gente tem de gritar para valer. Eu devia ter gritado:

– Professora, tenho de fazer xixi.

Ou, se quisesse evitar a palavra feia:

– Professora, tenho absoluta urgência de urinar.

Não seria bonito, mas até que seria certo dizer:

– Vou dar uma mijada, pô.

Mas o pior é ficar levantando a mão e dizendo baixinho:

– Professora, posso ir no banheiro?

Vai ver que eu estava falando tão baixo que ela nem escutou.

As pessoas nunca escutam muito bem o que a gente diz.

Uma última coisa.

Aquele xixi não teve importância nenhuma. Eu fiquei envergonhado. Ainda mais no primeiro dia de aula. Só que, alguns dias depois, o vexame tinha passado. Tudo ficou normal. Tive amigos e inimigos na classe, fiz lição, respondi chamada, e nem a professora, nem meus amigos, nem meus inimigos, ninguém se lembrou do meu xixi.

Sabe por quê? É por que já estava passando outro filme na cabeça deles. Cada pessoa tem outras coisas em que pensar: a briga que os pais estão tendo, o irmão mais velho que é chato, o presente que vai ganhar de aniversário...

Só eu liguei de verdade para o caso do xixi. As outras pessoas estão sempre tratando de assuntos mais sérios. Elefantes, por exemplo.

Toque biográfico

Marcelo Coelho nasceu em 1959, em São Paulo, e formou-se em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Foi professor universitário antes de dedicar-se à atividade jornalística no jornal Folha de S. Paulo. A partir de 1990 começou a assinar uma coluna semanal no caderno “Ilustrada”, onde publica suas crônicas. São de sua autoria os romances Noturno (1992) e Jantando com Melvin (1998). Ele também escreveu livros infantis.

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
Centro de Humanidades – CH
Unidade Acadêmica de História e Geografia – UAHG
Componente Curricular: Prática de Ensino
Professora: Eronides Câmara de Araújo
Período: 2012.2 – Turno: Diurno
Alunos: Raimundo Candido Teixeira Junior

Atividade de Elaboração de Plano de Aula conforme os Parâmetros do ENEM.

Competência Escolhida:

Competência de área 4 - Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.

Tema: Alimentos Transgênicos

Colégio Estadual Dr. Elpídio de Almeida

Campina Grande, PB

Série: 3ª Série - Ensino Médio

Turma: "A"

Turno: Manhã

Número de Alunos: 35

Componente Curricular: História

Professores: Raimundo Candido Teixeira Júnior

PLANO DE AULA

1. Tema:

Alimentos Transgênicos.

2. Objetivo Geral:

Problematizar o consumo dos alimentos transgênicos em nossa sociedade.

3. Objetivos Específicos:

3.1 Compreender o que são os Alimentos Transgênicos;

3.2 Discutir o surgimento dos Alimentos Transgênicos através de uma contextualização histórica;

3.3 Questionar como os males e os benefícios dos Alimentos Transgênicos para nossa sociedade;

3.4 Verificar informações na legislação sobre produção e consumo dos alimentos transgênicos.

4. Habilidades Trabalhadas:

- 1. Português: Leitura de uma Reportagem;**
- 2. História: Surgimento dos Alimentos Transgênicos;**
- 3. Matemática: Compreensão da Progressão Geométrica e Aritmética com base na Teoria de Malthus;**
- 4. Sociologia: Discussão sobre a distribuição de riquezas e a miséria;**
- 5. Biologia: Diferença entre Hibridismo e Alimento Transgênico;**
- 6. Geografia: Locais onde são produzidos os Alimentos Transgênicos;**
- 7. Química: Males e Benefícios para o organismo humano;**
- 8. Direito: Legislação sobre a produção dos Transgênicos e o Direito do Consumidor.**

5. Estratégias Metodológicas:

A aula sobre Alimentos Transgênicos constará de uma apresentação de 50 minutos (cinquenta minutos), sendo realizada de forma expositiva e dialogada.

1. - Inicialmente o professor deverá fazer a leitura da reportagem “Eles Estão entre Nós” para inserir o tema e questionar aos alunos sobre o conhecimento ou desconhecimento sobre os alimentos transgênicos;

2. Em seguida o professor deverá demonstrar o contexto histórico do surgimento desses alimentos, trabalhando a Teoria de Malthus;

3. Em seguida o professor deverá apresentar o vídeo “Hibridação”, fazendo a diferença entre alimentos híbridos e transgênicos;

4. Por fim o professor deverá discutir os males e os benefícios dos alimentos transgênicos, demonstrando o que diz a legislação sobre esses alimentos.

6. Avaliação:

Nesta aula, a avaliação constará de uma pesquisa na qual os alunos devem ir até o supermercado de sua cidade ou de seu bairro e procurar alimentos cujos rótulos estejam identificados como alimentos transgênicos.

Após a identificação dos alimentos, os alunos devem trazer esses alimentos para sala de aula ou produzir um painel com imagens que contenham esses alimentos.

Por fim, os alunos devem argumentar, conforme opinião pessoal, se os Alimentos Transgênicos devem ser consumidos ou não.

7. Referências:

Hibridação. *In: Youtube.* <<http://www.youtube.com/watch?v=sbk3u4xyIQ0>> - Acesso em 15 de janeiro de 2013.

Revista Veja. **Eles Estão entre Nós.** <http://veja.abril.com.br/300699/p_066.html> - Acesso em 15 de janeiro de 2013.

Transgênese. *In: Wikipédia: a enciclopédia livre.* <http://pt.wikipedia.org/wiki/Alimentos_transg%C3%AAnicos> - Acesso em 15 de janeiro de 2013.

ANEXO

Eles estão entre nós

Rejeitados na Europa, os produtos transgênicos já são vendidos nos supermercados brasileiros

Montagem sobre fotos de J Miranda



Produtos importados dos Estados Unidos, Argentina e França: matéria-prima de origem transgênica

Se você nunca ouviu falar em transgênicos, guarde bem esse nome. Ele vai dar muito o que falar nos próximos meses. Plantas transgênicas são espécies manipuladas em laboratório. Elas recebem genes de bactérias, fungos ou mesmo de outras plantas, que lhes conferem resistência contra determinadas pragas e doenças. Patenteada por empresas produtoras de sementes, como a Monsanto e a Novartis, a novidade promete facilitar e baratear o cultivo de grãos, mas tem gerado muita polêmica ao redor do mundo. Na Europa, o clima é de histeria. Organizações que se opõem ao uso dessa tecnologia boicotam produtos em supermercados e promovem protestos em praça pública. Agora, a onda começa a chegar ao Brasil. Há dez dias, uma liminar da Justiça Federal suspendeu o cultivo de soja geneticamente alterada no país, aprovado pelo Ministério da Agricultura há três semanas. O governador de Mato Grosso do Sul, Zeca do PT, anunciou que pretende interromper por cinco anos o plantio desse tipo de grão em seu Estado, seguindo uma providência já adotada no Rio Grande do Sul. O que pouca gente sabe é que, enquanto os nervos se exaltam, os transgênicos vão, discretamente, fazendo parte da vida das pessoas. As prateleiras dos supermercados brasileiros já exibem dezenas de produtos cuja fórmula contém cereais geneticamente alterados.



Os produtos que ilustram esta reportagem são alguns exemplos. Eles são importados dos Estados Unidos, da França ou da Argentina, países que já cultivam comercialmente grãos transgênicos. Nos Estados Unidos, metade de toda a produção de soja, algodão e milho vem de lavouras geneticamente modificadas. O restante é produzido com sementes convencionais. Da fazenda à fábrica, existem várias etapas, como a armazenagem e o transporte, em que grãos ou óleos de um tipo ou de outro se misturam. A indústria alimentícia simplesmente não pode garantir que nenhum transgênico tenha entrado em sua receita. Por essa razão, cerca de 60% de toda a comida processada nos Estados Unidos já tem algum tipo de matéria-prima de origem transgênica. Estima-se que os alimentos geneticamente alterados sejam consumidos por 2,5

bilhões de pessoas ao redor do mundo.

A rejeição aos transgênicos, principalmente na Europa, baseia-se em três argumentos. O primeiro é que a manipulação genética é antinatural e, por isso, essencialmente danosa. O segundo, que a comida para a qual servem de matéria-prima é perigosa à saúde. O terceiro, que eles fazem mal ao meio ambiente. Ocorre que, até agora, nenhuma pesquisa científica confirmou essas suspeitas de forma séria e definitiva. "Você não vê as pessoas caindo mortas nas ruas", afirma Arnold Foudin, do Departamento Americano de Agricultura, em Maryland, um defensor da novidade. Os opositores alegam que é preciso fazer experimentos de mais longo prazo para confirmar se esses alimentos são mesmo isentos de perigos. "Todas as garantias de segurança alimentar das sementes modificadas se baseiam em testes com ratos, ovelhas e peixes por um período de no máximo dez semanas", afirma Lindsay Keenan, coordenador da organização britânica Genetic Food Alert. "Isso é importante porque tomamos remédios em pequenas doses, mas consumimos alimentos em grandes quantidades", destaca Karen Suassuna, da entidade ambientalista Greenpeace.

Suspeitas – Na falta de provas científicas sobre prejuízos à saúde humana, o argumento de maior peso contra os produtos transgênicos é o que diz respeito aos efeitos sobre o meio ambiente. Em maio, a revista *Nature* publicou os resultados de uma pesquisa da Universidade Cornell, nos Estados Unidos. Eles mostravam que o pólen do milho transgênico matava as larvas das borboletas monarca. O estudo foi criticado por ter sido feito em laboratório, em condições que não reproduziam as do campo, mas levantou suspeitas sobre o perigo dessas plantas. É preciso levar em conta, porém, que a agricultura é, por definição, nociva ao meio ambiente – seja ela transgênica ou não. O que é mais danoso à ecologia, usar sementes transgênicas ou pulverizar as lavouras com toneladas de pesticidas, como se faz hoje?

A julgar pelos números, a campanha contra os transgênicos parece ser uma guerra perdida. Em 1990, não havia um único metro quadrado plantado com esse tipo de semente para fins comerciais. Até o final deste ano, elas estarão em 40 milhões de hectares de lavouras no mundo todo – área maior que a da Alemanha. Entre os países que já autorizaram a comercialização desses grãos estão os três maiores exportadores mundiais de soja – Estados Unidos, Brasil e Argentina –, além de outros grandes

produtores, como Austrália, Canadá, China e México. As safras de grãos transgênicos darão aos agricultores um faturamento de 1.8 bilhão de dólares neste ano, valor que deve chegar a 20 bilhões dentro de mais uma década.

O dilema, no caso brasileiro, é decidir se se fica a favor dos transgênicos ou contra eles. A autorização para o plantio desse tipo de produto, adotado pelo governo há quase um mês, baseia-se num argumento óbvio. Até agora, todos os grandes concorrentes mundiais do Brasil no comércio agrícola já aderiram à novidade. Proibir os transgênicos, como querem os governadores petistas do Rio Grande do Sul e de Mato Grosso do Sul, significaria fechar o país a uma tecnologia que pode tornar suas lavouras mais baratas e competitivas. A única vantagem de manter o plantio tradicional, por enquanto, seria a oportunidade de vender para o mercado europeu, valendo-se da histeria lá reinante em torno do assunto. A dimensão da área plantada até agora e a quantidade de produtos de origem transgênica já disponíveis nos supermercados indicam, no entanto, que a vantagem pode ser apenas transitória. Até que consumidores e autoridades se rendam à evidência de que os transgênicos chegaram para ficar.

Fonte: http://veja.abril.com.br/300699/p_066.html

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Centro de Humanidades – CH

Unidade Acadêmica de História e Geografia – UAHG

Componente Curricular: Prática de Ensino

Professora: Eronides Câmara de Araújo

Período: 2012.2 – Turno: Diurno

Alunos: Raimundo Candido Teixeira Junior

Atividade de Elaboração de Plano de Aula conforme os Parâmetros do ENEM.

Competência Escolhida:

Competência de área 6 - Compreender a sociedade e a natureza, reconhecendo suas interações no espaço em diferentes contextos históricos e geográficos.

Tema: O Lixo e a Desigualdade Social

Colégio Estadual Dr. Elpídio de Almeida

Campina Grande, PB

Série: 3º Série - Ensino Médio

Turma: “A”

Turno: Manhã

Número de Alunos: 35

Componente Curricular: História

Professores: Raimundo Candido Teixeira Júnior

PLANO DE AULA

1. Tema:

O Lixo e a Desigualdade Social

2. Objetivo Geral:

Problematizar as relações estabelecidas entre o consumo e a produção lixo em nossa sociedade.

3. Objetivos Específicos:

- 3.1 Discutir historicamente o aumento da produção dos bens de consumo;
- 3.2 Questionar a desigualdade social e o acesso aos bens de consumo;
- 3.3 Analisar a decomposição natural do lixo e as formas de reciclagem.

4. Habilidades Trabalhadas:

- 1. Português: Utilização da Poesia como gênero literário;
- 2. História: Documentário “Ilha das Flores”

3. Sociologia: Desigualdade Social entre os que podem consumir e os que não podem;

4. Geografia: Ambientes onde o lixo é despejado;

5. Biologia: Decomposição natural do lixo;

6. Matemática: Tempo de decomposição dos produtos;

7. Química: Técnicas de Reciclagem;

5. Estratégias Metodológicas:

A aula sobre “O lixo e a Desigualdade Social” constará de uma apresentação com 50 minutos (cinquenta minutos), sendo realizada de forma expositiva e dialogada.

1. - Inicialmente o professor deverá fazer a leitura da poesia “O Bicho” de Manuel Bandeira, questionando aos alunos sobre a compreensão da poesia:

2. - Em seguida o professor deverá apresentar para os alunos o documentário “Ilha das Flores” para inserir a questão sobre o consumo, o lixo e a desigualdade social:

3. - Posteriormente, o professor deverá apresentar as forma de decomposição do lixo, problematizando o tempo de decomposição de cada elemento no ambiente natural:

4. - Por fim o professor mostrará formas e possibilidades de reciclagem do lixo.

6. Avaliação:

Como critério avaliativo o aluno deverá, a partir de técnicas de reciclagem, produzir e trazer para sala de aula um utensílio, demonstrando como foi produzido.

7. Referências:

BANDEIRA, Manuel. **O Bicho**. <<http://pensador.uol.com.br/frase/MzcyNjI5/>> - Acesso em 20 de janeiro de 2013.

Ilha das Flores. Documentário. *In: Youtube*. <<http://www.youtube.com/watch?v=KAzhAXjUG28>> - Acesso em 20 de janeiro de 2013.

Reciclagem. *In: Wikipédia: a enciclopédia livre*. <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Reciclagem>> - Acesso em 20 de janeiro de 2013.

ANEXO

O Bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

Manuel Bandeira